

O ANARQUISTA TERRORISTA NA IMPRENSA ESCRITA NO SÉCULO XIX

Fabício Pinto Monteiro

Mestre em História pela Universidade Federal
de Uberlândia
fabriciomonteiro@bol.com.br



Resumo

Este texto trata inicialmente das significações construídas pela imprensa escrita, com os periódicos *The New York Times* e *Le Petit Journal Illustré*, sobre os anarquistas terroristas no imaginário social da segunda metade do século XIX. Carregando sentidos sociais próprios, porém, as significações construídas pelos jornais estariam em constante conflito com os sentidos simbólicos construídos pelos próprios anarquistas para seus ideais, palavras e ações. Este embate no imaginário social da segunda metade do século XIX é a problemática central deste trabalho.

Palavras-chave: Anarquismo, terrorismo, imprensa escrita.

Abstract

This article presents some aspects of symbolic struggle between the 19th century anarchists terrorists and the writing press on that time with the newspapers *The New York Times* (USA) and *Le Petit Journal Illustré* (France). Anarchist's words, ideals and deeds acquire distinct (and discordant) meanings on imaginary of society.

Keywords: anarchism, terrorism, writing press.

Referindo-se aos ataques de 11 de setembro de 2001 à Nova Iorque e Washington, Jean Baudrillard destaca a participação fundamental dos meios de comunicação para a eficácia da ação terrorista: neste caso, a mídia televisiva foi uma “entre outras armas que eles [os terroristas] viraram contra ele mesmo [o sistema], os terroristas exploraram o tempo real das imagens e sua difusão mundial instantânea.”¹ Isto ocorre porque o objetivo da ação terrorista não é a violência concreta em si – as explosões, o número de mortos e feridos -, mas sim a violência *simbólica* que a acompanha e que, devidamente levada a público, gera a singularidade do ato e o sentimento de terror.²

Este mesmo princípio não está ausente no caso do terrorismo anarquista da segunda metade do século XIX, tendo a imprensa escrita, que se desenvolvia cada vez mais na Europa e Estados Unidos da época, um papel essencial, embora ambivalente, na edificação do temor aos anarquistas no imaginário social. Sobre os jornais daquele momento, afirma Richard Jensen:

A Era do Terrorismo Anarquista coincidiu com o começo da Era do Jornalismo de Massa. Na Grã-Bretanha, Estados Unidos e em todo o mundo ocidental, os anos 1880 testemunharam a emergência de um “novo jornalismo”. Precedido por editores como Joseph Pulitzer com seu *St. Louis Post-Dispatch*, e mais tarde seu *New York World*, e W. T. Stead em seu *Pall Mall Gazette*, o “novo jornalismo”, com suas sensacionais manchetes em pesadas letras pretas, era menos interessado em limitar-se a uma simples linha política ou análises profundas e de longo alcance que produzir rapidamente notícias para consumo de massa e entretenimento.³

203

Neste artigo destacam-se a participação de dois jornais na elaboração das significações sobre os anarquistas terroristas no imaginário social, *The New York Times*, dos EUA e *Le Petit Journal Illustré*, da França.⁴

Além da difusão das notícias dos atentados, a imprensa também foi fundamental no jogo das significações simbólicas que envolviam os ataques anarquistas. Para que a dinamite, o punhal ou o revólver se convertessem em armas revolucionárias elas não deveriam ter como

¹ BAUDRILLARD, J. *O espírito do terrorismo*. Porto: Campo das Letras, 2002, p.33.

² BAUDRILLARD, J. *O espírito do terrorismo*, p.36.

³ JENSEN, R. Daggers, rifles and dynamite: anarchist terrorism in nineteenth century Europe. *Terrorism and Political Violence*. Oxford, vol. 16, n. 1. p.116-153. spring, 2004, p.140.

⁴ *The New York Times* foi fundado em Nova Iorque em 1851, hoje é propriedade de *The New York Times Company*, dona de pelo menos quinze outros jornais. É conhecido mundialmente, especialmente após o início de sua versão *on-line* em 1996. *Le Petit Journal* era publicado em Paris e circulou entre 1863 e 1944, tornou-se extremamente popular na França, especialmente com seu suplemento semanal ilustrado (*Le Petit Journal Illustré*) cujo primeiro número foi publicado em 1890. As traduções destes jornais neste texto são minhas; poucas foram as atualizações de linguagens necessárias, uma vez que não há um distanciamento tão grande entre os textos destes jornais e nossa compreensão atual.

alvos *individuos* específicos, mas todo aquele que ocupasse – ou reocupasse - posições e papéis sociais que simbolizassem a exploração de classe e o poder estatal.⁵

Mais do que isso, era preciso que as significações simbólicas dos anarquistas fossem compartilhadas em pelo menos alguns de seus sentidos com o restante da sociedade, tanto para buscar apoio dos segmentos trabalhadores quanto para semear o medo entre os segmentos da “burguesia”, segundo as palavras dos próprios anarquistas. A discussão deste texto, dessa forma, envolve os conflitos e ambivalências das significações presentes nas palavras e ações dos anarquistas terroristas veiculadas na imprensa escrita do século XIX.

A ação terrorista entre os anarquistas envolveu a idéia mais ampla da “propaganda pela ação” - que poderia incluir também o protesto público, a sabotagem e a revolta direta das classes operárias contra as classes dirigentes, por exemplo -; princípio defendido por círculos bakuninistas europeus desde a década de 1870 em detrimento da pouca efetividade da propaganda anarquista pela palavra oral e escrita. Soma-se a isso a forte repressão desencadeada contra os revolucionários da Comuna de Paris na mesma década, seguida de perseguições políticas, exílios e censuras a jornais e encontros públicos promovidos pelos anarquistas e o desmantelamento da I Internacional, após os conflitos com os marxistas.⁶

204

Sem, entretanto, envolver uma organização coletiva sistematizada e com grandes planejamentos prévios, alguns anarquistas decidem, nas últimas décadas do século XIX reagir a ações que consideravam violentas por parte das classes dirigentes (a repressão armada a uma greve, a prisão de um revolucionário sem provas de crimes, a publicação de uma lei de censura...) também de forma violenta e rápida. Os ataques – notadamente na França, Itália e Espanha – eram realizados individualmente ou em pequenos grupos e direcionavam-se contra figuras de poder, como políticos, juízes, policiais ou “burgueses” com um intuito, na grande maioria das vezes de retaliação.⁷

A construção dos significados do terrorismo anarquistas pela imprensa

Às oito horas da manhã de 27 de março de 1892, o segundo dos quatro andares de um edifício na Rua Clichy n° 39, Paris, é praticamente destruído por uma forte explosão causada

⁵ Ver LAY, H. “Beau Geste!” (On the readability of terrorism). *Yale French Studies*. New Haven, n° 101, p.79-100, 2001.

⁶ CAHM, C. Propaganda by deed: the development of the idea. _____. *Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism: 1872-1886*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p.76-91 e também MAITRON, J. *Ravachol y los anarquistas*. Madrid: Huerga y Fierro, 2003, p. 18

⁷ Ver JENSEN, R. Daggers, rifles and dynamite: anarchist terrorism in nineteenth century Europe.

por uma bomba de 120 cartuchos de dinamite deixada nas escadarias do prédio. O alvo do atentado era o promotor de justiça Bulot, que havia trabalhado junto ao juiz Benoît que também sofrera ataque semelhante em sua casa dias antes (11 de março). Apesar dos imóveis destruídos, ambos conseguiram escapar ilesos; sete operários que trabalhavam em uma obra próxima à residência de Bulot feriram-se com estilhaços da explosão.⁸

Promotor e juiz haviam participado de um julgamento que condenou dois anarquistas, Decamps e Dardare⁹, por participação em violentos conflitos com a polícia durante as manifestações do 1º de maio de 1891. Os atentados seriam, dessa maneira, uma forma de retaliação planejada por Ravachol – que detona as duas bombas -, Simon Charles Achille, Jas-Béaldas e sua amante Mariette Soubère.¹⁰

A maior notoriedade de Ravachol acabaria sendo construída através de suas próprias declarações, confissões e gestos em seus interrogatórios, julgamentos e até no momento de sua execução. Constantemente publicadas pelos jornais (sejam os grandes jornais ou os periódicos anarquistas e/ou operários), as palavras e atos de Ravachol foram aos poucos ajudando a compor o complexo e ambíguo jogo de significações no imaginário social a respeito do anarquismo e do terrorismo

A primeira característica sempre destacada pelos grandes jornais é a frieza, a aparente carência de valores morais demonstrada pelos revolucionários. Um suposto instinto de destruição “niilista” parecia apossar-se dos terroristas e cegá-los para os direitos humanos mais básicos, como a vida e o direito à autodefesa.

Esta primeira imagem apareceu construída de forma extremamente forte e concreta no periódico parisiense *Le Petit Journal*. Como outros jornais da época que também utilizavam esta fórmula, *Le Petit Journal Illustré* (suplemento semanal do jornal) destacava as notícias consideradas mais importantes da semana por meio de ilustrações de caráter realista, que “flagravam” o ápice dos acontecimentos. Obviamente a pretensão “fotográfica” de registrar uma ação em seu transcurso só poderia ser realizada indiretamente pelo artista, através de relatos de testemunhas e observações do local do evento após o ocorrido, o que demandava uma considerável dose de imaginação do desenhista e, daí, uma inevitável liberdade na

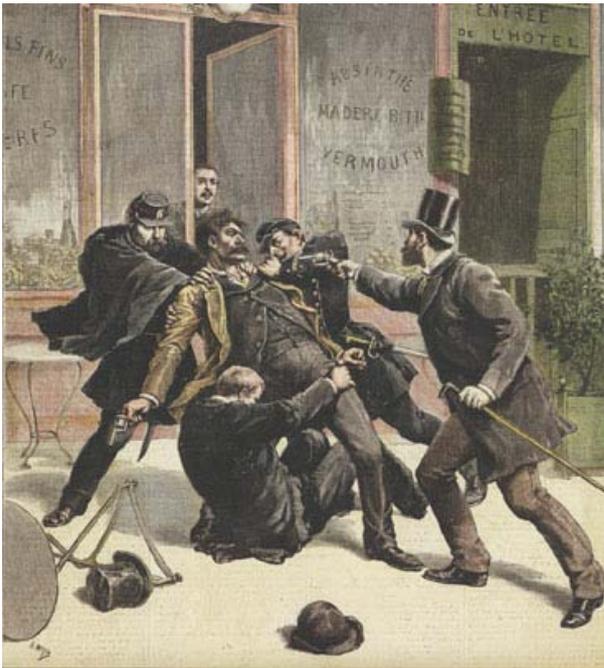
⁸ MORE dynamite in Paris. *The New York Times*, Nova Iorque, 28 mar., 1892, p.1 e RAVACHOL. Las memorias de Ravachol, p.53-54. MAITRON, J. *Ravachol y los anarquistas*, p.53-95.

⁹ Henri Louis Decamps (1859-??), preso em 1891, permaneceu encarcerado até 1896, quando emigrou para os Estados Unidos onde fez parte de uma colônia agrícola libertária em Nova Jersey. Charles Auguste Dardare (1866-??), preso junto a Decamps, foi condenado há três anos.

¹⁰ ANARCHIST plots in Paris. *The New York Times*, Nova Iorque, 16 apr., 1892, p.1 e RAVACHOL. Las memorias de Ravachol, p.53.

construção da imagem (que para os leitores poderia ser gravada como a representação fiel do fato).

O texto acompanhado pela gravura destacada a seguir comemorava a prisão do “patife” Ravachol, nas palavras do jornal. A reportagem insiste que Ravachol não era um criminoso político, mas “um criminoso de direito comum, um assassino de anciãos e de velhas senhoras, um ladrão e um violador de sepulturas”, apenas “um patife odioso” que ansiava pela destruição da sociedade.¹¹



A imagem retrata o momento da prisão de Ravachol, realizada em 30 de março de 1892 no Café Very, em Paris, após a denúncia de um garçom, de nome Lhérot. Logo se destaca a violência da cena e a dificuldade dos policiais em deter o anarquista. Um cavalheiro (a julgar pela cartola tombada próxima ao chapéu de Ravachol) envolve-se na luta e também vai ao chão; um cliente, ou mesmo o proprietário do café, observa assustado a ação sem atrever a aproximar-se.

206

Fig. 1. A prisão de Ravachol. *Le Petit Journal Illustré*, n° 73, Paris, 1892.

Ravachol possui um revólver na mão direita e parece ser contido apenas sob a mira de uma arma empunhada por um segundo cavalheiro. A força quase sobre humana do terrorista destaca-se na imagem e, apesar de não dito explicitamente no texto, remete facilmente às dificuldades em se conter loucos violentos, muitas vezes associados a uma força assombrosa. A idéia de que as ações políticas violentas eram motivadas por distúrbios cerebrais teve grande repercussão e gerou vários debates na época. Para Cesare Lombroso, o “crime político” era uma “manifestação anormal de um fato normal”: o contraste entre a inventividade de poucos e o conservadorismo da sociedade. Conduzida por pessoas “normais”, este choque poderia gerar revoluções positivas, por “maníacos”, rebeliões

¹¹ L'ARRESTATION de Ravachol. *Le Petit Journal Illustré*. Paris, n° 73, samedi, 16 avr., 1892.

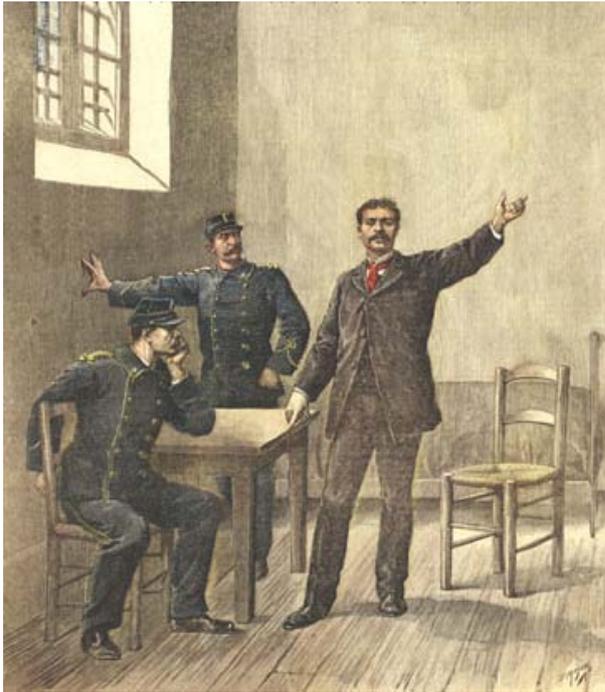


Fig. 2 Ravachol em sua cela. *Le Petit Journal Illustré*, n° 76, Paris, 1892

sangrentas. Para Gustavo Tosti, a situação era mais simples: anarquistas terroristas enquadravam-se no caso de “degeneração individual”, de “maníacos e epiléticos regicidas”.¹²

Apesar da força desta imagem inicial – imagem no sentido mais amplo, dos significados simbólicos construídos no imaginário social -, a compreensão simples do anarquista terrorista enquanto um sujeito impulsivo e violento não se sustentou por muito tempo. Tão logo o comportamento de

Ravachol na prisão, seus depoimentos e suas atitudes no tribunal fossem conhecidos e

divulgados, forçou-se a elaboração social de novos sentidos simbólicos na tentativa da assimilação das palavras e ações daquele anarquista. Toda a calma, ponderação e polidez de Ravachol apresentadas após sua prisão tornaram-se um “risco empírico”, nas palavras de Marshal Sahlins, frente ao qual o imaginário social foi obrigado a rever suas construções,¹³ de modo que três semanas depois *Le Petit Journal Illustré* publicaria uma ilustração bem diferente da primeira.

Vemos aqui o que parece ser um outro Ravachol, extremamente controlado – paletó abotoado, como destacaria o texto da reportagem - que, com um gesto de eloquência com o braço esquerdo, discursa em sua cela para dois guardas. A calma da situação permite que um deles se sente para escutar o anarquista, enquanto o outro apóia-se na parede mantendo também a atenção nas palavras de Ravachol.

Esta representação acompanhava um texto a respeito do primeiro julgamento do terrorista, quando ele foi condenado à prisão com trabalhos forçados, e um dos grandes destaques da reportagem foi, mais uma vez, sua calma e cordialidade:

¹² TOSTI, G. Anarchistic Crimes. *Political Science Quarterly*. New York, vol. 14, n. 3. p.404-417. sep. 1899, p.406-407. Ver também LOMBROSO, C. *Los anarquistas*. Madrid: Jucar, 1977. Disponível em www.antorcha.net/biblioteca_virtual/derecho/lombroso/indice.html Acesso em 02/01/08.

¹³ Para Sahlins, “os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o simbólico é, deste modo, pragmático, o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação” SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.9.

O mais calmo era o prprio Ravachol, que, suficientemente correto em sua sobrecasaca preta e abotoada, com um sorriso nos lbios que as damas, menos numerosas que de costume, declaravam agradvel; ele conversava, plcido e familiar, com seu advogado e com a mo endereava um amigvel bom dia aos companheiros que se l se encontravam.¹⁴

A partir deste “novo” comportamento percebido pelos jornais, autoridades policiais e judiciais e o pblico em geral, Ravachol – e todos os anarquistas terroristas posteriores - no mais seriam compreendido como loucos violentos. A violncia com a qual os valores e instituies vigentes eram enfrentados, entretanto, permaneceria forte no imaginrio social relativo aos anarquistas, embora no mais identificada com atitudes furiosas, mas sim com um comportamento inquebrantavelmente frio; patolgico, talvez, mas no mais irracional e impulsivo.

Falar sobre os prprios crimes sem demonstrar qualquer arrependimento e compaixo para com suas vtimas seria o grande marco desta aparente amoralidade demonstrada por Ravachol, que, ainda segundo *Le Petit Journal Illustré*, participava do julgamento “como se ele tratasse de um furto a uma frutaria.”¹⁵

Em um depoimento dado ao juiz logo aps sua priso, diz Ravachol sobre seus atentados:

Eu estou orgulhoso do que fiz. Voc no ir tirar de mim uma nica palavra de arrependimento. Se eu no tivesse sido preso iria continuar minhas exploses, sem poupar qualquer pessoa ligada à condenao de outros Anarquistas. Eu gostaria de ter explodido a Cmara dos Deputados por impor aos dinamitadores a pena de morte. Sem deixar nada impedindo o caminho da propaganda Anarquista.¹⁶

Apes sua execuo em 11 de julho, guilhotinado em Montbrison, o plano de Ravachol para a Cmara dos Deputados foi retomado por outro anarquista: Auguste Vaillant. Munido de uma bomba de fabricao prpria, Vaillant dirigiu-se à Cmara durante uma sesso em 10 de dezembro de 1893 e, de um dos camarotes laterais, arremessou-a contra os polticos; atrapalhado, entretanto, por uma mulher que o vira acender o pavio, a bomba bate em uma cornija do salo e explode sem deixar vtimas fatais.¹⁷

¹⁴ RAVACHOL dans as cellule. *Le Petit Journal Illustré*. Paris, n° 76, samedi, 7 mai., 1892.

¹⁵ RAVACHOL dans as cellule.

¹⁶ AN anarchist's confession. *The New York Times*, Nova Iorque, 4 apr., 1892, p.1.

¹⁷ Verso do prprio Vaillant, segundo o *The New York Times*. THE bomb thrower found. *The New York Times*, Nova Iorque, 11 dec., 1893, p.1.

Destaca-se neste episódio a similaridade do discurso de Vaillant em relação a Ravachol. Defronte ao prefeito de polícia ele lamenta-se não ter conseguido matar nenhum deputado: “Sinto muito ter falhado. Eu espero que outros que se sigam a mim tenham mais sorte. Vida longa à Anarquia!”¹⁸

A cobrança por palavras de arrependimento e perdão persiste até o fim, como no caso do espanto de *The New York Times* com a calma do assassino do presidente estadunidense William McKinley, o anarquista Leon Czolgosz. Enquanto ele era amarrado na cadeira elétrica em 20 de outubro de 1901 conversava tranquilamente com as testemunhas sentadas a sua frente; o jornal não deixa também de reiterar que “ele disse não estar arrependido por haver cometido seu crime.” Czolgosz atirara no presidente em 6 de setembro de 1901 durante uma feira na cidade de Buffalo; McKinley morreria oito dias depois em decorrência do ferimento.¹⁹

Parte da composição de um discurso com significados singulares, as palavras dos anarquistas acabam por adquirir significações simbólicas e políticas bem diversas nas formas de veiculação de um jornal como *The New York Times* ou *Le Petit Journal*. Mais adiante, serão discutidos alguns sentidos dados pelos anarquistas para seus próprios discursos e ações. No momento, entretanto, destaca-se a persistência da construção, pelos jornais, da imagem de “amoralidade” atribuída a todos os terroristas a partir de Ravachol.

Neste sentido, tem-se o exemplo marcante de uma reportagem sobre o anarquista italiano Luigi Lucheni, que assassinou com uma lima afiada a Imperatriz Elizabete da Áustria (mais conhecida como Sissi) em 10 de setembro de 1898. Lucheni também espantou a imprensa e a polícia – que armara um forte esquema de segurança ao seu redor - pela calma e polidez apresentada durante seu julgamento. Mais uma vez o jornal destaca a aparente impassibilidade moral do anarquista terrorista:

Um importante ponto do julgamento foi que toda vez que algo era dito tendendo a mostrar que ele havia tentado negar sua culpa ou escapar de suas conseqüências, ele invariavelmente interrompia, abertamente glorificando o crime, que, disse ele, foi premeditado, adicionando em uma ocasião: “Eu fiz meu máximo para tornar o golpe fatal.”²⁰

Como o crime fora cometido em Genebra e não havia a pena de morte na Suíça, Lucheni foi condenado à prisão perpétua. Sabendo previamente deste fato, chama a atenção

¹⁸ THE bomb thrower found, p.1.

¹⁹ ASSASSIN Czolgosz is executed at Auburn. *The New York Times*, Nova Iorque, 30 oct., 1901, p.5.

²⁰ FOR killing the empress. *The New York Times*, Nova Iorque, 11 nov., 1898. p. 7.

novamente *The New York Times*, o próprio anarquista manifestou seu desejo de ser julgado na Áustria.

A imprensa e a construção do terror

Os anarquistas terroristas também demonstravam a consciência da imprensa como um veículo que, se por um lado poderia atuar contra eles – Ravachol, por exemplo, foi denunciado pelo garçon Lhérot porque este o reconheceu por descrições e notícias de jornais -²¹, por outro se tornou co-responsável pela difusão do medo entre a população.

Logo após os primeiros atentados de Ravachol, tornou-se comum o anúncio de que o “terror reinava em Paris”. Incertos de onde poderia acontecer a próxima explosão (pois os alvos dos anarquistas não pareciam tão claros quanto os atentados políticos existentes até então), visitantes deixavam a cidade, trazendo prejuízos para hotéis e comércio.²² Junto à notícia da prisão de Ravachol, *Le Petit Journal Illustré* também destacava:

Paris tremia, Paris não ousava mais ir ao teatro, Paris fazia suas malas para fugir, e os visitantes habituais de Paris desfaziam as suas, pouco curiosos de uma viagem recreativa ao curso da qual arriscavam-se à dinamite e suas conseqüências atrozés.²³

210

Lendo tais reportagens pode-se questionar (assim como é feito hoje sobre os meios de comunicação atuais) o quanto esta imprensa voltada às “notícias excitantes para a massa”, nas palavras citadas de Richard Jensen, realmente era uma espécie de “cúmplice” (mesmo que involuntário) na difusão do terror. Os atentados anarquistas era um tema muito apreciado na composição das chamativas ilustrações de *Le Petit Journal Illustré*.

No mesmo número onde, em palavras, o jornalista tentava acalmar a população parisiense anunciando a prisão de Ravachol, eram, ao mesmo tempo, publicadas cinco imagens de edifícios atingidos pela dinamite cuja ênfase na destruição certamente deixaria dúvidas para o leitor quanto a sua segurança na cidade. Tratam-se por certo de cenas perturbadoras para leitores alarmados pelas notícias de atentados anteriores, uma vez que se

²¹ RAVACHOL. Las memorias de Ravachol, p.55.

²² TERROR reigns in Paris. *The New York Times*, Nova Iorque, 30 mar., 1892, p.1.

²³ L'ARRESTATION de Ravachol. A referência a “não ousar ir ao teatro” deve-se a certa ocasião em que parte do cenário de uma peça no *Gaité Théâtre* caiu, fazendo a platéia fugir em pânico pensando tratar-se de uma ação anarquista. JENSEN, R. The International Anti-Anarchist Conference of 1898 and the origins of Interpol. *Journal of Contemporary History*, Londres, vol 16, n° 2, p.323-347, apr. 1981, p.325

destaca o sofrimento de pessoas inocentes – as mulheres ganhavam destaque em várias imagens -, pegas de surpresa por um ataque inesperado e aparentemente sem explicação.

A seqüência de atentados ao longo da década de 90 acabou por gerar no imaginário de autoridades governamentais e policiais (e depois de parte da população em geral com sua difusão pela imprensa) uma teoria de uma grande e organizada “conspiração anarquista” na Europa:

Acredita-se agora que o ultraje cometido por Emile Henry no café do Hotel Terminus na noite de segunda-feira, quando vinte e quatro pessoas foram feridas pela explosão de uma bomba arremessada por ele, foi parte de uma vasta conspiração Anarquista. Pensa-se que o conluio foi preparado em Londres e vinte e três homens, entre eles Henry, foram designados para executar os ultrajes. Henry confessou que manteve comunicação com Dr, Paul Reclus, que a polícia vem vigiando a um longo tempo por sua alegada conexão com Vaillant.²⁴

O “ultraje” mencionado havia ocorrido quatro dias antes em um café frequentado, nas palavras do próprio anarquista Émile Henry, pela “burguesia” parisiense.²⁵ Preso ao tentar fugir do café – e não sem antes baleiar um policial e duas outras pessoas que tentaram agarrá-lo -, Henry foi acusado ainda de ser o responsável por um atentado que matou quatro policiais no comissariado de polícia da *Rue des Bons-enfants* em 8 de novembro de 1892. O anarquista, que confessou o crime, construiu e deixou uma bomba de efeito retardado na porta dos escritórios da Companhia Carmaux de mineração, que havia solicitado à polícia a repressão violenta a uma greve de seus empregados; encontrada por um funcionário, a bomba foi entregue à polícia e levada até o comissariado, onde explodiu.²⁶ Condenado à morte, foi guilhotinado em 21 de maio de 1894 aos vinte e dois anos de idade.

Em nenhum momento das investigações sobre o caso de Émile Henry, ou de qualquer outro anarquista terrorista, conseguiu-se realmente comprovar qualquer tipo de rede de ligações maior do que quatro ou cinco cúmplices, mesmo assim, amigos próximos do terrorista e não apoiadores internacionais. Mais importante ainda, nos depoimentos e memórias de nenhum deles, Ravachol, Vaillant, Émile Henry, Caserio, Lucheni ou Czolgosz, pode-se perceber que os anarquistas não restringiam suas confissões de culpa e até as

²⁴ VAST anarchist conspiracy. *The New York Times*, Nova Iorque, 16 feb., 1894, p.5.

²⁵ Ver a ata de acusação e o interrogatório de Henry em MAITRON, J. *Ravachol y los anarquistas*. Madrid: Huerga y Fierro, 2003, p.97-119 e também THE bomb again in Paris *The New York Times*, Nova Iorque, 13 feb., 1894, p.1; THE Paris bomb thrower. *The New York Times*, Nova Iorque, 14 feb. 1894, p.5 e UNE bombe au Café Terminus. *Le Petit Journal Illustré*. Paris, n° 171, samedi, 26 fev., 1894.

²⁶ MAITRON, J. *Ravachol y los anarquistas*, p.103-108. LA dynamite à Paris. *Le Petit Journal Illustré*. Paris, n° 104, samedi, 19 nov., 1892.

qualificações de seus crimes; não existe a mínima menção a uma ameaça de conspiração anarquista terrorista *organizada*.

Apesar disso, a construção de uma “Internacional Negra” terrorista, ao que parece, encaixou-se muito bem no imaginário social de governantes, imprensa e parte da população dos países ocidentais da época, mesmo que baseada em “comprovações” tênues e inconclusas como as apresentadas na última notícia citada: Henry manteve comunicação com Paul Reclus (que não era um defensor da ação terrorista), que, por sua vez, possuía algum tipo inexato de “ligação” com Vaillant.

O mito conspiratório da “Internacional Negra” terrorista foi tão forte e “real” que motivou ações efetivas dos governos, como a criação de diversas leis anti-anarquistas²⁷ e de uma grande “Conferência Internacional Anti-Anarquista”, realizada em Roma, 1898.

A Conferência de Roma foi organizada logo após o assassinato da Imperatriz da Áustria por Luigi Lucheni em setembro de 1898 e de rumores de que o fato era o início de uma série de assassinatos planejados por anarquistas europeus, sendo o rei Humberto I da Itália o próximo alvo.²⁸ De fato, a “pista” da próxima vítima foi apontada pelo próprio Lucheni que, depois de preso, disse que se possuísse 50 francos para a viagem ele teria escolhido o monarca italiano ao invés da Imperatriz, tendo acrescentado ainda: “Não tem problema, de qualquer modo outro irá matar Humberto logo”.²⁹ A vontade de Lucheni seria cumprida algum tempo depois, quando o anarquista Gaetano Bresci matou o rei com três tiros, em julho de 1900.

O vago desejo de que alguém cumprisse seus planos – como no caso de Ravachol e a menção à explosão da Câmara dos Deputados de Paris, cumprida por Vaillant - reforçou o medo da “Internacional Negra” terrorista. Vinte e um países, como França, Rússia, Grã-Bretanha, Bélgica, Suíça, Itália e Espanha, enviaram delegados a Roma, onde diversas reuniões se sucederam entre 24 de novembro e 21 de dezembro de 1898.³⁰

Pode-se perceber um exemplo da força da ação terrorista no imaginário social através da própria definição de “anarquismo” adotada pela Conferência; ao discutirem o que deveria

²⁷ Ver sobre a perseguição aos anarquistas nos EUA em FINE, S. Anarchism and the assassination of McKinley, p.782-787. Gaetano Manfrédonia, do Institut d'Études Politique de Paris, destaca a criação das “leis celeradas” na França, que proibiam a apologia às ações consideradas criminosas, a associação suspeita de conspiração contra “pessoas e propriedades” e, após o assassinato do presidente Sadi Carnot pelo anarquista Sante Caserio, proibiam diretamente a propaganda anarquista. MANFRÉDONIA, G. 1894: les lois scélérates. Disponível em increvablesanarchistes.org. Acesso em 23/07/06.

²⁸ JENSEN, R. The International Anti-Anarchist Conference of 1898 and the origins of Interpol, p.325.

²⁹ FOR killing the Empress. *The New York Times*, Nova Iorque, 11 nov., 1898, p.7.

³⁰ JENSEN, R. The International Anti-Anarchist Conference of 1898 and the origins of Interpol, p.327.

ser considerado o anarquismo para efeito de lei, foi aceita a sugestão do delegado de Mônaco, Hector de Rolland, que o descreveu através do que considerava ser a ação anarquista: o ato que “tendo como seu objetivo a destruição por meios violentos de toda organização social.”³¹

Encontramos, assim, novamente a fórmula do “nihilismo” sendo adotada como “solução” para a compreensão e explicação do terrorismo anarquista; ignorando toda proposta de reconstrução social que sustentava os atentados – como a edificação de uma sociedade igualitária sem a propriedade privada, o Estado e as explorações cotidianas causadas pelo autoritarismo - o anarquismo resumiu-se, na compreensão dos governantes, à destruição indiscriminada de *toda* organização social.³²

A atuação efetiva da Conferência foi limitada, até porque não havia de fato uma “rede” de terroristas organizada contra a qual lutar. Jensen destaca, porém, que ela foi o início de uma maior cooperação policial entre os países participantes (o que originaria, mais tarde, a Interpol) e da disseminação de algumas técnicas de investigação, como o retrato falado:

Seu real legado incluiu a popularização de certas práticas de extradição como as da cláusula do *attentat* para crimes políticos e a difusão do uso do *portrait parlé*, uma nova técnica científica de investigação policial. Mais notavelmente, a Conferência de Roma tornou-se um ponto de partida rumo a uma crescente troca de informações e comunicação intra-européia, culminando em 1904 com um protocolo anti-anarquista, que foi assinado em São Petersburgo por meia Europa.³³

213

O imaginário do anarquista terrorista

As significações do terrorismo anarquista no imaginário social formaram-se na segunda metade do século XIX apoiadas em sentidos simbólicos extremamente ambíguos. Mesmo que veiculadas por uma imprensa de posicionamento definido, contra as ações anarquistas, muitas das imagens referentes aos terroristas podem ser compreendidas em suas ambivalências de significações através de análises mais cuidadosas – embora a memória hegemônica revele que no embate entre estas significações, a força da imprensa escrita fez-se mostrar no domínio da compreensão social dos anarquistas como “destruidores” e “amorais”.

³¹ Citado por JENSEN, R. The International Anti-Anarchist Conference of 1898 and the origins of Interpol., p.327.

³² Preso na Conciergerie, Émile Henri demonstra de forma direta em uma carta ao diretor do presídio a ligação do anarquista terrorista com a versão comunista do anarquismo, citando diversos autores relacionados a esta corrente, como Piotr Kropotkin, Errico Malatesta, Elisée Reclus, Jean Grave e Sébastien Faure. HENRY, É. Lettre au directeur de la Conciergerie. p. 59. GUÉRIN, D. *Ni dieu ni maître*: anthologie de l’anarchisme III. Paris: François Maspero, 1980. p. 58-65.

³³ JENSEN, R. The International Anti-Anarchist Conference of 1898 and the origins of Interpol., p.323-324.

Pode-se iniciar a discussão sobre os diferentes sentidos atribuídos pelos próprios anarquistas a suas palavras e ações através do que se tornaria um dos ícones identificadores do terrorismo anarquista (e, para muitos, do anarquismo em geral): a dinamite.³⁴

Símbolo do pânico entre a população por não escolher vítimas quando arremessada em meio a uma multidão, a dinamite era, entretanto, pragmaticamente uma das piores armas a serem utilizadas pelos terroristas:

Dinamite era mais poderosa que explosivos anteriores, mas na prática freqüentemente provou-se menos letal e mais desajeitado do que se esperava. O manual de Most sobre explosivos era inexato e tentativas por amadores de preparar bombas de dinamite freqüentemente terminavam em explosões prematuras. Mesmo quando os terroristas roubavam ou adquiriam dinamite comercial (que Most recomendava sobre suas receitas caseiras), enormes quantidades eram muitas vezes necessárias para garantir sucesso. Most estava errado quando escreveu que uma bomba de dez libras poderia afundar um navio de guerra. Mesmo se a explosão não acontecesse prematuramente, o historiador Walter Laqueur afirma que setenta libras de dinamite colocadas sob a sala de jantar do Czar no Palácio de Inverno pelo Vontade do Povo não seriam suficientes para feri-lo.³⁵

Retomando os atentados à bomba de Ravachol, Vaillant e Émile Henry, nota-se que, de fato, *numericamente* as vítimas fatais não foram tantas quanto se poderia esperar: nenhuma para Ravachol e Vaillant, quatro no caso semi-acidental de Henry da *Rue des Bons-enfants*. Este último, inclusive, no episódio do Café Terminus esteve mais próximo de tirar a vida de pessoas com seu revólver durante a fuga do que com a explosão do café em si.

As dificuldades práticas para a confecção, transporte e uso das bombas, contudo, eram aparentemente superadas pela força simbólica e psicológica de seu uso: pretendia-se mandar pelos ares a sociedade capitalista, reduzi-la e escombros como os cafés e casernas atingidos pela dinamite, além do que sua capacidade de espalhar o medo era muito maior do que a do punhal ou a da pistola. Percebe-se o anúncio explícito desta “vantagem” em uma das várias canções anarquistas criadas na época para a apologia ao terrorismo e ao assassinato de autoridades do governo: *La Dynamite*, atribuída ao anarquista francês Martenot e publicada em jornais libertários a partir de 1893:

³⁴ Ou ainda mais diretamente a “*marmite*”. A “*marmite*” refere-se ao fato de que muitas das bombas eram construídas artesanalmente pelos próprios terroristas e estes, freqüentemente, utilizavam-se de panelas (com as hastes retiradas e a tampa soldada) como invólucro para os ácidos, cartuchos de dinamite e, às vezes, balas ou cravos que as compunham.

³⁵ JENSEN, R. 2004. Daggers, rifles and dynamite: anarchist terrorism in nineteenth century Europe, p.30.

Coloque uma marmita/ Repleta de dinamite/ Qualquer que seja a razão/ Fazendo-se a explosão/ A notícia correrá rápido/ Pois para inspirar o terror/ Não há nada melhor/ Que a dinamite!³⁶

Assim como nos discursos dos anarquistas, em nenhuma das canções analisadas (citadas na nota anterior), a dinamite, ou qualquer ação anarquista, é colocada como simples arma de destruição geral, pelo contrário, há sempre um direcionamento claro, guiada pela posição simbólica e de poder que o “alvo” ocupa na sociedade.

Reitera-se a importância do valor simbólico atribuído à escolha das vítimas dos atentados anarquistas (o que de forma alguma diminui a violência real de seus atos), pois em nenhum momento de seus discursos e depoimentos há ameaças a *indivíduos* específicos. O terror se mantém exatamente quando a possibilidade de assassinato coloca-se para qualquer pessoa que ocupe (ou reocupe) as posições de, para citar a canção *La Ravachole*, “magistrats vendus”, “financiers ventrus”, “sénateurs gâteux”, “députés véreux”...³⁷

Ou mais comumente, dirige-se como uma ameaça de vingança – também de forma ampla, com um não-particularizado “vous” neste caso - contra aqueles que se coloquem contra os anarquistas:

Vocês [vous] podem preparar o cadafalso/ A força e a guilhotina/ Nós temos o que precisamos/ Para mandá-los pelos ares à surdina/ Se vocês crêem que isso terminará/ Vocês estão enganados/ Por cada homem que matarem/ Nós colocaremos quinhentos por terra!³⁸

Mais uma vez a força real da dinamite é deliberadamente superestimada – colocar “quinhentos por terra” é um exagero notável - para, retoricamente, ampliar o sentimento de medo entre as autoridades que condenassem os anarquistas e, ao mesmo tempo, a coragem entre os demais que se habilitassem a seguir o companheiro caído.

Na questão da “amoralidade”, atribuída aos terroristas pela imprensa, nota-se os anarquistas utilizarem-se de uma outra escala de valores, inclusive morais, para guiarem suas

³⁶ LES 4 Barbus. La Dynamite. In: LES 4 Barbus. *Chansons Anarchistes*. Paris: Studios Emo, s/d. 1 disco. Lado 1, faixa 2. (Coleção Hommes et faits du XX^{ème} Siècle). Outras canções célebres do gênero são LES 4 Barbus. La Ravachole. *Chansons Anarchistes*. Lado 1, faixa 7 [1894]; LES 4 Barbus. Ravachol. In: *Chansons Anarchistes* Lado 1, faixa 7 [??]; GORI, Pietro. Sante Caserio. In: *Canções Revolucionárias 1*. Natal: DHNET, 2006. 1 CD (MP3). [1894]; FIORENZO; SANTINO. Inno Individualista. In: *Canções Revolucionárias 2*. Natal: DHNET, 2006. 1 CD (MP3). [1900]. RENÉ BINAMÉ. La java des bons-enfants. In: _____. 71-86-21-36. Houx: Aredje, 1996. 1 CD. Faixa 6 [1912].

³⁷ “magistrados vendidos, banqueiros pançudos, senadores caducos, deputados cheios de vermes”. LES 4 Barbus. La Ravachole., Lado 1, faixa 7 [1894].

³⁸ LES 4 Barbus. La Dynamite.

ações; outra compreensão da individualidade em um contraste com o “individualismo” das sociedades européia e estadunidense daquela segunda metade do século XIX.

Para eles havia uma forte indissociação da existência individual com a social (coletiva); o valor do indivíduo, seja para ser selecionado como potencial alvo de um atentado ou para ser cuidadosamente poupado dele, só se definiria em suas relações sociais efetivas.

A “amoralidade” e “frieza” dos terroristas só podem ser minimamente consideradas segundo seus próprios sentidos imaginários se se tiver em mente estas ressalvas. Émile Henry, por exemplo, marcou-se pela indiferença com que respondia as perguntas sobre o atentado ao Café Terminus durante o interrogatório de seu julgamento.

- Por que você foi ao Café Terminus?
- A princípio fui à Casa Bignon, ao Café de la Paix e ao Americain, mas não havia bastante pessoas, então fui ao Terminus e esperei.
- Havia uma orquestra. Quanto você esperou?
- Uma hora.
- Por quê?
- Para que houvesse mais pessoas.
- E depois?
- Você já o sabe.³⁹

216

Henry reiterou ainda que não pretendia apenas ferir os freqüentadores do café, mas matar o maior número possível de pessoas. Quando o promotor, voltando-se para os jurados, destaca que o anarquista acabara de confessar seus crimes com cinismo, Henry responde ironicamente: “Não é cinismo, é convicção.”⁴⁰

É com uma “convicção” semelhante que Ravachol confessa seus crimes ao ditar suas memórias para seus próprios guardas da prisão. Roubo de frangos, contrabando de álcool, falsificação de dinheiro, profanação de sepulturas, arrombamento de casas e – motivo pelo qual foi oficialmente condenado à morte - o assassinato de um velho eremita em Notre-Dame-de-Grâce são confessados sem constrangimento ou arrependimento.⁴¹ Mesmo em seus crimes “comuns”, a segurança moral de Ravachol baseia-se na convicção de que a maior responsabilidade por seus atos não recai sobre si enquanto pessoa, mas sobre toda a organização social injusta e miserável que o recebeu no mundo desde o nascimento. Sobre o roubo de frangos, por exemplo, diz:

³⁹ Interrogatório de Émile Henry em MAITRON, J. “Emile Henry, el Benjamín de la anarquía”. p. 109. _____ op. cit. p. 97-139.

⁴⁰ MAITRON, J. Emile Henry, el Benjamín de la anarquía, p.111.

⁴¹ RAVACHOL. Las memorias de Ravachol, p.76-87.

Naquele momento, minha irmã acabava de ter um filho com seu companheiro. Meu irmão e eu estávamos sem trabalho e sem um centavo de reserva. Não teríamos mais que o pão que o padeiro poderia bem nos dar. Ao não encontrar trabalho em nenhuma parte me vi obrigado a sair em busca de alimento. (...) Era-me penoso ir pegar as aves de desgraçados camponeses que quiçá não teriam mais que isso para viver, mas eu não sabia quais eram os ricos e não podia deixar que morrêssemos de fome minha mãe, minha irmã e seu filho, meu irmão e eu.⁴²

Com o tempo, demonstra retrospectivamente Ravachol em suas memórias, a consciência de si enquanto um indivíduo considerado sem valor pela sociedade francesa leva-o a considerar também os “causadores” de sua miséria como um todo indistinto: “não podia resignar-me a morrer de fome ao lado de pessoas que nadavam no supérfluo.”⁴³ Uma sensibilidade muito semelhante é compartilhada por Luigi Lucheni, que em suas memórias, escritas na prisão de Genebra, também responsabiliza diretamente a corrupção da sociedade por sua desgraçada vida desde seu nascimento.⁴⁴

Assim, com atenção pode-se perceber a “amoralidade” dos anarquistas terroristas como uma elaboração do imaginário social da segunda metade do século XIX criada em *locus* sociais específicos, não sendo compartilhada em todos os seus sentidos por toda a sociedade (inclusive pela totalidade dos anarquistas). Há sim um outro sentido para a moral, que não se baseia exatamente nos valores “individualistas” dominantes, mas em figurações simbólicas do social. Perguntado em seu interrogatório se ele “deprecia a vida humana”, Émile Henry responde de forma direta: “Não, a vida dos burgueses.”⁴⁵

Neste mesmo sentido, é notável o relato de Henry sobre sua decisão de retaliação à Companhia Carmaux de Mineração após esta reprimir com violência uma greve de seus empregados:

Assim, preparei a bomba. Num certo momento, lembrei-me da acusação que havia sido feita em Ravachol. E as vítimas inocentes? Mas logo resolvi esse problema. Os edifícios onde a Companhia Carmaux mantinha seus escritórios eram habitados apenas por burgueses: não haveria, portanto, vítimas inocentes. Todos os burgueses vivem da exploração dos menos afortunados e justos e deveriam pagar pelo seu crime. Assim, foi com a mais absoluta confiança na legitimidade do meu ato que deixei a bomba diante da porta dos escritórios da Companhia.⁴⁶

⁴² RAVACHOL. Las memorias de Ravachol, p.75-76.

⁴³ RAVACHOL. Las memorias de Ravachol, p.79.

⁴⁴ Ver LUCHENI, L. História de um menino abandonado no fim do século XIX contada por ele mesmo. CAPPON, S.; LUCHENI, L. *Memórias do assassino de Sissi*. São Paulo: Novo Conceito, 2007, p.71-140.

⁴⁵ MAITRON, J. Emile Henry, el Benjamín de la anarquía, p.109.

⁴⁶ HENRY, É. A defesa de um terrorista, p.181. WOODCOCK, G. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1998, p.178-185.

Após o atentado de Vaillant à Câmara dos Deputados, o governo francês iniciou uma grande onda de repressão aos anarquistas do país. Novamente Henry justifica seus atos, explicitando o porquê de desconsiderar a “inocência” individual de cada uma de suas potenciais vítimas durante um atentado:

A bomba encontrada no Café Terminus é a resposta a todas as violações à liberdade, às prisões, às buscas, às leis contra a imprensa, às deportações em massa, às guilhotinas. Mas – perguntarão vocês - por que atacar os pacíficos clientes de um café que estavam apenas sentados ouvindo música e que, sem dúvida, não eram juízes, nem deputados, nem burocratas? Por quê? É muito simples. Os burgueses não faziam distinções entre os anarquistas. Vaillant, um homem que agia sozinho, jogou uma bomba; mais da metade de seus camaradas nem ao menos o conhecia, mas isso não teve nenhuma importância: era uma perseguição em massa e qualquer pessoa que tivesse ligações com os anarquistas por menores que fossem, deveria ser caçada.⁴⁷

Em uníssono também se ouve a voz de Caserio, assassino do presidente francês Carnot, durante seu julgamento:

Não muito tempo atrás, Vaillant jogou uma bomba na Câmara dos Deputados para protestar contra o presente sistema da sociedade. Ele não matou ninguém, apenas feriu algumas pessoas, mas ainda assim a justiça burguesa sentenciou-o à morte. E não satisfeitos com a condenação do homem culpado, eles começaram a perseguir os anarquistas e a prender não apenas aqueles que conheciam Vaillant, mas mesmo aqueles que meramente haviam estado presente em qualquer encontro anarquista. (...) Senhores do juri, vocês são representantes da sociedade burguesa. Se vocês querem minha cabeça, tomem-na, mas não acreditem que fazendo isso vocês pararão a propaganda anarquista.⁴⁸

218

A negação do valor de si em relação com valor de uma causa maior era utilizada como uma arma pelos anarquistas na política do terror. Não só em seus discursos, mas, sobretudo, em seus gestos; o não-arrependimento e a indiferença frente à morte significavam que a luta revolucionária não terminava no cadafalso, pois outro companheiro surgiria para dar-lhe continuidade. Ravachol foi o grande “inaugurador” deste gesto político naquele momento, possível através da ampla cobertura da imprensa sobre cada detalhe de sua prisão, julgamento e execução.

Como citado anteriormente, *Le Petit Journal Illustré* destaca a calma de Ravachol durante seu julgamento – onde ele certamente imaginava a possibilidade de condenação à

⁴⁷ HENRY, É. A defesa de um terrorista, p.183.

⁴⁸ Citado por GOLDMAN, E. The psychology of political violence. _____. *Anarchism and other essays*. New York/London: Mother Earth Publishing Association, 1911. p.85-114. Disponível em: dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives. Acesso em 10 set. 2006.

morte -⁴⁹ e, com efeito, ele recusa-se a tentar se defender, uma vez que se encontra moralmente convencido de que suas ações não foram responsabilidades unicamente de si enquanto indivíduo:

Se eu tomo a palavra, não é para defender-me dos atos que me acusam, pois só a sociedade, que por sua organização coloca os homens em luta contínua uns contra os outros, é responsável.⁵⁰

A mesma fórmula de recusa de defesa seria utilizada ainda nos discursos de Émile Henry e Sante Caserio durante seus julgamentos.⁵¹

Os relatos de *The New York Times* mostram Ravachol também extremamente calmo no dia em que seria guilhotinado. Acordando disposto, brincou com os guardas que o preparavam para a execução; preocupando-se com suas últimas palavras (“Eu quero me dirigir à multidão. Tenho algumas palavras a dizer.”), logo é advertido pelo promotor de que não haveria multidão para ouvi-lo. “Ah, Promotor!”, exclama decepcionado.⁵² Frente ao capelão do presídio, que insiste em dirigir-lhe palavras de consolo religioso e arrependimento, responde irritado:

Eu não dou a mínima para sua religião. Não quero ver seu crucifixo. Se você mostrá-lo para mim cuspirei sobre ele. Vocês são, todos vocês, pessoas que encorajam a superstição e tentam fazer as pessoas acreditarem naquilo que vocês não podem provar.⁵³

Zomba ainda do carrasco que o prepara para a guilhotina e tenta falar para as pessoas presentes, mas é rapidamente colocado na máquina, que corta seu pescoço, interrompendo um grito de “Vive la Re...!”⁵⁴

Quase dois anos depois, a atitude de Auguste Vaillant no momento de sua execução seria a mesma de Ravachol. Com uma coragem descrita pelo jornal como “memorável”, o anarquista recusa a bebida oferecida pelo diretor do presídio (“Não. Eu devo ter coragem suficiente sem isso.”), apoiado na convicção de que “seu corpo não é nada comparado ao

⁴⁹ RAVACHOL dans as cellule. *Le Petit Journal Illustré*. Paris, n° 76, samedi, 7 mai., 1892.

⁵⁰ RAVACHOL. *Déclaration de Ravachol (interdite lors de son procès en 1892)* Zanzara athée, 2004, p.3. Disponível em www.infokiosque.lautre.net Acesso em 08 de fev. 2006.

⁵¹ HENRY, É. A defesa de um terrorista, p.178 e GOLDMAN, E. The psychology of political violence.

⁵² RAVACHOL put to death. *The New York Times*, Nova Iorque, 12 jul., 1892, p.9

⁵³ RAVACHOL put to death., p. 9

⁵⁴ RAVACHOL put to death, p.9. Uma pequena polêmica formou-se sobre a última frase de Ravachol. Inicialmente entendida como “Vive la République!”, logo se percebeu que não seria uma homenagem própria para o anarquista, sendo “Vive la Révolution!” uma hipótese mais provável. DID Ravachol’s head utter a word? *The New York Times*, Nova Iorque, 17 aug., 1892, p.3

progresso de seus princípios e a certeza de que será vingado”. Recusa também o consolo religioso do capelão. Com passos firmes, sobe ao cadafalso e, em suas últimas palavras antes de ser morto, feita a uma multidão estimada em mil e duzentas pessoas, grita: “Morte à burguesia! Vida longa à Anarquia!”⁵⁵

É possível perceber como esta impassibilidade dos anarquistas, a desconsideração do valor do “individualismo” vigente em relação a um ideal e a um mundo visto através de suas instituições simbólicas coletivas⁵⁶, conseguiu realizar alguns de seus objetivos na luta revolucionária pelo terrorismo. De alguma forma, as palavras e gestos destes anarquistas conseguiram produzir, durante certo tempo, a temida sucessão de atentados motivados pela queda do companheiro anterior. Não se tratou, contudo, de uma organização prévia de redes revolucionárias como a quase mítica “Internacional Negra”, mas sim de um jogo bem-sucedido de sensibilização pessoal entre indivíduos que já compartilhavam de sentidos imaginários (racionais e de sentimentos) semelhantes, onde a morte não significava o fim da própria essência.

Analogamente, pode-se pensar nas dificuldades do restante da sociedade européia e estadunidense da época (governos, autoridades policiais, “burguesia” em geral) para compreender e enfrentar este imaginário através de uma consideração feita por Jean Baudrillard sobre os terroristas suicidas do século XXI e o que considera ser sua lógica de pensamento:

Eles [os terroristas] lograram fazer da sua própria morte uma arma absoluta contra um sistema que vive da exclusão da morte, cujo ideal é o da zero mortes. Todo o sistema de zero mortes é um sistema de soma nula. Todos os seus meios de dissuasão e de destruição nada podem contra um inimigo que já fez da sua própria morte uma arma ofensiva. “Que importam os bombardeamentos americanos! Os nossos homens têm tanto desejo de morrer como os americanos de viver!”⁵⁷

Embora os anarquistas não fossem diretamente suicidas e sua esperança de além-vida não passasse por uma crença religiosa de vida celeste, mas sim pela transformação futura da sociedade terrena, a relação construída com a morte causou tanto estranhamento no século

⁵⁵ THE guillotine’s sure work. *The New York Times*, Nova Iorque, 6 feb., 1894, p.5.

⁵⁶ É necessário destacar, no entanto, que esta “desvalorização” não é absoluta, uma vez que o ideal de liberdade individual continua a ser mencionado pelos terroristas como por outras correntes anarquistas. Vemos, entretanto, que a opção da luta via terrorismo foi construída por estes anarquistas justamente através da diminuição da importância da pessoa do revolucionário preso/morto como garantia da permanência da ameaça à burguesia.

⁵⁷ BAUDRILLARD, J. *O espírito do terrorismo*, p.21-22.

XIX quanto o fez o terrorismo islâmico em nossa sociedade ocidental, onde a morte é (e era desde aquela época) algo de difícil assimilação.

Alguns vestígios, entretanto, mostram que aos poucos as autoridades do século XIX, começaram a descobrir uma possível forma de “matar” de forma definitiva o anarquista terrorista, tentando bloquear a continuidade de sua vida no prosseguimento da luta por seus companheiros. Além da criação de leis que proibiam reuniões, apologia à violência revolucionária e propaganda anarquista em geral e das deportações denunciadas por Henry em citações anteriores, começou-se a buscar a destruição daquela “invencibilidade” do anarquista frente à morte.

Dois dias após a execução de Émile Henry, uma notícia pequena e aparentemente sem importância foi publicada em *The New York Times* (e, sem dúvida, também por jornais europeus):

Dr. Benoit, da Faculdade da Escola de Medicina, depois de um exame completo no corpo de Émile Henry, o Anarquista, que foi decapitado na manhã de ontem, expressou a opinião que Henry já estava morto quando a lâmina caiu. Dr. Benoit acredita que o Anarquista morreu de síncope, causada por intensa emoção antes da lâmina ser solta.⁵⁸

221

Como seus companheiros guilhotinados anteriormente, Émile Henry portara-se de forma quase indiferente frente à morte, tendo gritado para a multidão (e para si?) justamente as palavras: “Coragem camaradas! Vida longa à Anarquia!”⁵⁹ A “revelação” de sua morte por “intensa emoção” aos pés da guilhotina seria o suficiente para colocar por terra esta “coragem” inquebrantável, derrotando com um só golpe a arma dos anarquistas para a continuidade do terror.

Mais declarado ainda seria este mesmo esforço realizado pela imprensa no caso de Caserio. Na manchete que anunciou sua morte em 16 de agosto de 1894, lemos em *The New York Times* apenas uma breve descrição dos momentos finais do anarquista:

Poucos minutos antes das 5 horas o homem condenado foi levado de sua cela para a guilhotina. Seus braços foram firmemente amarrados em suas costas. Quando os encarregados colocaram-no para deitar sob a lâmina, ele lutou fortemente para libertar-se. Às 4:55 tudo estava pronto. Caserio gritou: “Coragem, camaradas! Vida longa à Anarquia!” A lâmina caiu precisamente às 5 horas e a cabeça de Caserio rolou para o cesto.⁶⁰

⁵⁸ DIED before the knife fell. *The New York Times*, Nova Iorque, 23 may., 1894, p.5

⁵⁹ THE guillotine’s sure work. *The New York Times*, Nova Iorque, 21 may, 1894, p.1

⁶⁰ CASERIO at the guillotine. *The New York Times*, Nova Iorque, 16 aug, 1894, p.1.

Entretanto, no dia seguinte o jornal retoma o assunto de um modo nunca feito antes para as execuções de anarquistas, com um tom de deboche e ódio pouco comum para um tipo de imprensa que se colocava como “imparcial”, e em contraste evidente com a primeira reportagem:

Não há nada na história das execuções anarquistas tão benéfico, edificante e apropriado para diminuir o estoque de “propagandistas pelo ato” como a estória deste covarde tremendo e choramingando antes do destino que ele pedira e que desafiara tão fortemente enquanto ele ainda estava a distância. A combinação de misantropia e vaidade doentia que compõe o criminoso anarquista veio sendo forte o suficiente em vários casos para desafiar o medo da morte imediata.(...) Este morreu como um covarde e os Anarquistas sobreviventes não mais encontram uso nele morto como pessoas civilizadas encontravam nele vivo. O sangue de um mártir relutante e covarde não é semente para qualquer tipo de Igreja.⁶¹

O motivo do tom de zombaria a respeito do temor de Caserio frente à morte é explicitado pelo próprio autor da reportagem: um terrorista considerado covarde não seria transformado em mártir e não atrairia seguidores dispostos a vingar sua morte. A estranha impassibilidade dos anarquistas, compreendida pelo jornal como “misantropia” e “vaidade doentia”, que tanto desafiou a compreensão e a ação de governos e autoridades judiciárias, estaria, espalhando-se notícias como esta, finalmente derrotada.

A onda de atentados anarquistas ainda demoraria alguns anos para cessar. Três anos após a morte de Caserio, em agosto de 1897, o primeiro-ministro espanhol seria assassinado pelo anarquista Angiolillo; em 1898 morreria a imperatriz da Áustria pelas mãos de Lucheni e em 1900 o rei da Itália seria baleado por Ângelo Bresci. A morte do presidente dos EUA, em 1901, fecharia o ciclo dos grandes atentados do terrorismo anarquista.

A grande repressão promovida pelos governos e, também de fundamental importância, a crescente oposição de muitos anarquistas influentes à opção de ação terrorista – como Jean Grave, Piotr Kropotkin e Errico Malatesta - levou a mudanças na estratégia geral da luta anarquista, quando a aproximação dos sindicatos mostrou-se cada vez mais interessante.

Artigo recebido em 30/11/2008 e aprovado em 09/03/2009.

⁶¹ CASERIO'S death. *The New York Times*, Nova Iorque, 17 aug, 1894, p.4.